

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ENSINO E MÚSICA: AS TOADAS AMAZÔNICAS COMO  
INSTRUMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS NAS AULAS DE  
HISTÓRIA**

**TEFÉ-AM**

**2016**

CRISTINA BARBOSA DE ALMEIDA

**ENSINO E MÚSICA: AS TOADAS AMAZÔNICAS COMO  
INSTRUMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS NAS AULAS DE  
HISTÓRIA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título Licenciatura em História, do Curso de História, do Centro de Estudos Superiores de Tefé, UEA.

**Orientador:** Prof. Msc. Yomarley Lopes Holanda

**TEFÉ-AM**

**2016**

### **FICHA CATALOGRÁFICA**

ALMEIDA, Cristina Barbosa de. **Ensino e Música: As toadas amazônicas como instrumentos didático-pedagógicos nas aulas de história.** 2016. Monografia de graduação de Licenciatura em História. Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Tefé.

**Palavras-chaves:** Toadas Amazônicas; Ensino de História; Música.

**CRISTINA BARBOSA DE ALMEIDA**

**ENSINO E MÚSICA: AS TOADAS AMAZÔNICAS COMO  
INSTRUMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS NAS AULAS DE  
HISTÓRIA**

Monografia aprovada pela Comissão Julgadora da Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Tefé, como pré-requisito para obtenção do título de Graduação em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Orientador Msc. Yomarley Holanda  
(Universidade do Estado do Amazonas)

---

Membro: Prof. Msc. Manoel Domingos de Oliveira  
(Universidade do Estado do Amazonas)

---

Membro: Profa. Dra. Cristiane Silveira  
(Universidade do Estado do Amazonas)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me concedido força e sabedoria para enfrentar os obstáculos da vida, me dando razão para continuar e ter conseguido realizar esse trabalho.

Agradeço a minha mãe Tânia Maria pelas suas orações, para que esse trabalho pudesse ser realizado, e pelo seu amor que me inspira com as palavras de consolo e não me deixaram desistir.

Ao meu pai Antônio Almeida, e meus irmãos Thaís, Taiana e Antônio Carlos, pela força, pela confiança no meu potencial, pois sempre me incentivaram com suas palavras de motivação.

Ao meu namorado, Rayone Gonçalves pela paciência, e disponibilidade para me ajudar enquanto fazia o trabalho, também pela contribuição com livros que foram importantes para realizar essa monografia.

Aos professores que contribuíram para que pudesse chegar a esse momento, Tiago F. Santos tenho muito agradecê-lo, Dr. Cristiane Silveira minha professora de Estágio Supervisionado I e II, e principalmente ao professor Msc. futuro Dr. Yomarley Holanda, por ter aceitado me ajudar e dar seguimento a esse trabalho .

As minhas amigas, Laísse Wlândia e Verônica Lima, por estarem presente em minha vida desde o primeiro período.

## EPIGRAFE

O agir de DEUS é lindo na vida de quem é fiel  
No começo tem provas amargas, mas no fim tem o sabor do mel,  
Eu nunca vi um escolhido sem resposta  
Por que em tudo DEUS lhe mostra uma solução  
[...] DEUS vai cumprir tudo que tem te prometido  
Você vai ver as mãos de DEUS te levantar,  
Quem te ver a de falar, ele é mesmo um escolhido  
vão dizer que você nasceu para vencer  
Já sabiam por que você tinha mesmo cara de vencedor  
E que se DEUS quer agir ninguém pode impedir  
Então você verá cumprir cada palavra que o Senhor falou  
Quem ti viu passar na prova e não te ajudou, quando ver você na benção  
vão se arrepender, vão estar entre a plateia e você no palco  
vão olhar e ver JESUS brilhando em você  
Quem sabe no seu pensamento você vai dizer, meu DEUS como vale a pena agente ser fiel  
Na verdade a minha prova tinha um gosto amargo, mas a minha vitória hoje tem sabor de  
mel  
Tem sabor de mel  
A minha vitória hoje tem sabor de mel.

Damares

## RESUMO

Esta monografia tem como título Ensino e Música: As toadas Amazônicas como instrumentos didático-pedagógicos nas aulas de História. O objetivo é apresentar as toadas amazônicas como materiais didático-pedagógicos no ensino de História, auxiliando ao professor de acordo com os conteúdos desta disciplina. Tendo em vista, a importância da disciplina de História para desenvolver o pensamento crítico do aluno e contribuir para constituição da identidade, é necessário que as novas linguagens sejam utilizadas pelo professor como meio de colaboração para um melhor resultado em suas aulas, pensando no gosto da nova geração. Nesse sentido, que surge o desejo de introduzir a música na sala de aula, abordando a toada amazônica como material didático, valorizando a arte da região, e privilegiando o ensino de História, construindo o pensamento dos alunos com relação a essa disciplina e tornando-a mais agradável. Com isso, pretende-se relacionar as toadas com os conteúdos de História, analisar as letras, e fazer interpretações no tocante aos temas dessa disciplina, de modo a destacar que esta pode convergir com o ensino e ser útil para o professor. Uma vez que, a canção é composta por elementos da região Amazônica. Com base na proposta, ao fazer a relação da música com o ensino, será possível a aula de História se tornar mais atrativa, assim como aproximar o aluno de sua cultura, e contribuir para um ensino mais significativo. Considera-se que o uso das toadas Amazônicas pode se constituir em um recurso didático viável tanto para quem ensina como para quem aprende História.

**Palavras chaves:** Toadas Amazônicas; Ensino de História; Música.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I – CONCEPÇÕES DO ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>13</b>
1.1 BREVE HISTÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA .....	13
1.2 A MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA .....	19
<b>CAPÍTULO II – AS TOADAS AMAZÔNICAS E O ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>24</b>
2.1 AS TOADAS AMAZÔNICAS .....	24
2.2 AS TOADAS AMAZÔNICAS COMO PROPOSTA NO ENSINO DE HISTÓRIA .....	27
2.3 A TOADA E A HISTÓRIA .....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

Na tentativa de contribuir com novos métodos para serem trabalhados no ensino de História, e que de tal maneira estivesse mais próximo à realidade do aluno, o presente trabalho investiga o ensino e a música, destacando as toadas amazônicas como instrumentos didático-pedagógicos nas aulas de História, de forma que esta venha a contribuir no processo de ensino e aprendizagem.

Trata-se, portanto, de um estudo que tem como objetivo apresentar as toadas amazônicas como instrumentos didático-pedagógicos no ensino de História. Analisar as letras das toadas amazônicas relacionando-as com conteúdos de História, enfatizando-as como textos que poderão ser lidos e interpretados, auxiliando aos professores nas aulas de História.

Os questionamentos relacionados ao ensino de História são sempre definidos pelos alunos como uma disciplina “chata”, que não desperta muita atenção, por isso, quando as aulas tornam-se rotina, é preciso que o professor opte por utilizar novos métodos em sua aula, para que as mesmas se tornem mais interativas.

Durante as observações em sala de aula como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e por meio da prática na disciplina de Estágio Supervisionado, foi possível observar que ainda existe o mesmo pensamento com relação às aulas de História pela maioria dos alunos, bem como foi possível entender que realmente o professor de História deve fazer uso de novos recursos para suas aulas interessarem mais a essa nova geração.

Nesse sentido, algumas aulas onde a professora utilizou recursos como vídeos, filmes, slides com imagens para explicações dos temas abordados na aula, eram as únicas que conseguiam chamar a atenção de todos. Logo, percebe-se a importância de recorrer às novas tecnologias, para tornar as aulas compreensivas e mais didáticas.

Desse modo, na oportunidade de cursar Licenciatura em História, foi possível estabelecer o conhecimento sobre várias maneiras de como tornar-se um excelente profissional na área, com espírito de professor pesquisador e reflexivo, preocupando-se com o aprendizado da turma, afinal, uma aula pode ser agradável se você levar em consideração as expectativas do outro.

Para Freire (1997), é preciso levar em consideração, o respeito ao pensamento, ao gosto, ao receio, ao desejo, a curiosidade do educando. Com isso, o ensino não pode ser simples transferência mecânica, onde o docente não se importa com o aprendizado de seu aluno, apenas repassando o conteúdo, sem ouvir, sem compreender. É preciso colocar-se no

lugar do aluno e perceber qual a melhor maneira de fazer com que este faça um bom aproveitamento das aulas.

Além disso, os alunos do século XXI vivem rodeados de novas tecnologias e de informações por meio da televisão, computador, celular, entre outros, como resultado de um mundo modernizado, que promove conhecimentos fora da escola. Consequentemente será exigido dos estudantes que aprendam conforme essa atualidade, o que torna difícil para o professor de História, sendo que os conteúdos que constam no currículo da disciplina são complexos, e o único meio para adaptar as aulas com essa realidade tecnológica é fazer uso das novas linguagens disponíveis.

Dessa maneira, as aulas de história podem se tornar mais interessante, uma vez que ao despertar a atenção do discente, este tem mais chances em aprender, pois é uma forma diferente de estudo, onde será possível desenvolver maior curiosidade pelos assuntos. Sabe-se que o recurso não substitui o professor, mas contribui como auxiliar do mesmo para trabalhar suas aulas.

Bittencourt (2009) afirma que, um dos objetivos centrais do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidade. Vejamos claramente a grande importância do ensino de História para que o conhecimento sobre a história da origem, o passado de uma sociedade seja levada para as salas de aulas, de forma que estes alunos reconheçam-se como seres históricos, adquirindo sua identidade para compreender que são membros de um lugar.

Diante dessa premissa, na busca por encontrar elementos atrativos que possam contribuir com o ensino e facilitar o aprendizado, enfatiza-se neste trabalho o ensino de História, pois é preciso dar significado para o seu objetivo, com isso, pensando em despertar o cidadão crítico, respeitando também os gostos dos discentes de acordo com o seu tempo, assim como construir sua identidade, que pensamos na proposta da utilização da linguagem da música, sendo que esta é presente no dia-a-dia dos mesmos, levando em consideração as toadas amazônicas, como um discurso motivador e prazeroso, possível de ser utilizado na construção de conhecimentos. Além disso, a toada é uma arte que se deve grande valor, com discurso épico ou dramático elevando os elementos da cultura regional.

Seguindo esse pressuposto, é preciso ressaltar a grande paixão que nutro por este gênero musical denominado toada. Tal gosto surgiu a partir das danças, pois sempre gostei de participar de eventos culturais, onde devíamos seguir as letras das canções para interpretá-las e assim criar as coreografias, dançava e ao ouvir também aprendia, assim compreendi que as toadas não eram apenas dignas de serem ouvidas sem um maior foco no que estas

expressavam e representavam, percebi que em suas letras estão escritos assuntos referentes aos textos de história da Amazônia, também sobre o Brasil, com isso, passei a respeitar mais e entender que as toadas devem ser levadas para as salas de aula.

Diante desse contexto, surge a determinação de privilegiar as aulas de história, propondo o uso da toada, como recurso didático passível de interpretação e leitura, a partir dos conteúdos ministrados, quebrando a compreensão rotulada referindo-se às aulas de História, de forma que desperte a curiosidade do discente e favoreça a aquisição de conhecimento. Dessa forma, também será possível a valorização de uma arte criada pelos compositores regionais, acarretando um novo olhar para as músicas que os ouvintes acreditam serem “boas apenas para ouvir e dançar”.

O caminho metodológico que orientou a construção desse trabalho foi realizado com base em pesquisas bibliográficas, tais como: livros, artigos, dissertações de Mestrado e Doutorado. Como fontes de pesquisa, levamos em consideração, Bittencourt (2009) para trabalhar o Ensino de História, Hermeto (2012), para fundamentar sobre a música, Holanda (2013) e Farias (2005) para darem suporte sobre as toadas amazônicas, dentre outros autores que tratam dessas temáticas.

Além da pesquisa bibliográfica, foi realizado um levantamento musical de toadas que possuem discursos possíveis de serem trabalhadas no ensino de História. Nesse sentido, foram analisadas cinco toadas amazônicas compostas para o Festival Folclórico de Parintins, ambas do Boi Garantido e Caprichoso. Estas foram escolhidas pelo fato de constituírem, em suas letras, fatos históricos que se relacionam com o ensino de História, com isso recorreu-se, para a contribuição das análises, à livros e artigos que envolviam assuntos referentes aos conteúdos abordados nas toadas.

Partindo desse pressuposto, optou-se por estudar mais sobre o assunto, crescendo assim, o interesse pela busca em relacioná-lo com o ensino de história, analisando toadas e conhecendo melhor sobre as mesmas. Levamos estas em proposição, de modo a incluir no rol dos novos recursos metodológicos para serem trabalhadas na sala de aula, tornando as aulas mais atrativas de modo que os estudantes consigam aprender e ao mesmo tempo se identificar com o seu espaço e despertar uma nova visão sobre sua realidade.

Diante desse panorama, o trabalho é dividido em dois capítulos, abordamos no primeiro capítulo a concepção do ensino de História, discutindo suas mudanças no decorrer do tempo, e o funcionamento do ensino de história na antiga escola primária e secundária, e as suas finalidades, até as novas propostas no ensino de História. Além disso, é abordada nesse capítulo, a música no ensino de História, destacando-a enquanto uma ferramenta significativa

para ser trabalhada na sala de aula, como parte das novas tecnologias disponíveis. Em seguida, no segundo capítulo abordamos as toadas amazônicas, como proposta de novo instrumento didático-pedagógico no ensino de História, valorizando a diversidade.

# CAPÍTULO I

## CONCEPÇÕES DO ENSINO DE HISTÓRIA

### 1.1 BREVE HISTÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA

Considerando as concepções sobre o ensino de História, é indispensável destacar sobre a trajetória do mesmo, e saber suas finalidades. Antes, porém, é preciso saber o que significa a palavra História, sendo esta de origem grega, quer dizer: investigação, informação.

Para Borges (1980), a palavra História surge antes de Cristo (a. C), no século VI, sendo que no Ocidente teve início nas regiões do Oriente Próximo, da costa norte - africana, bem como da Europa Ocidental. Continua afirmando que, a função da história desde o início foi fornecer à sociedade uma explicação sobre suas origens, ou seja, sem a história os conhecimentos sobre as origens das sociedades não seriam de fato possíveis para quem não vivenciou esse tempo.

Desse modo, na tentativa de levar o conhecimento das origens para formar identidade nacional de uma sociedade, foi que o ensino de História apresentou-se como integrante fundamental na educação, a partir do século XIX. “A História é apresentada como parte integrante dos currículos e dos objetivos educacionais mais amplos propostos para a escola primária ou elementar, como era anteriormente denominada, e para a escola secundária” (BITTENCOURT, 2009). Assim, percebe-se, que o ensino de História percorre a educação desde a antiga escola primária, assim como nas escolas secundárias, por um único interesse, em fazer com que nas escolas os alunos desde cedo aprendessem que tinham uma história, que pertenciam a uma sociedade.

Nesse sentido, para atingir a esse objetivo, o ensino de História passou por grandes mudanças, no sentido de ganhar importância em seus conteúdos, uma vez que o ensino de história não era muito trabalhado nas escolas de alfabetização. Dessa forma, a partir da década de 70 do século XIX conquistou mais importância em seu conteúdo de forma que este valor permanece até hoje nas organizações curriculares, pois recebeu a grande responsabilidade em estabelecer uma história nacional, além disso, se tornou significativa como método pedagógico que contribui para formação da identidade nacional.

Diante desse contexto, afirma Bittencourt (2009), esse objetivo, que esteve presente para as escolas de primeiras letras, ainda está presente na organização curricular do século

XXI, além do mais, completa dizendo que para atingir esse objetivo maior, os métodos e conteúdos foram sendo organizados e reelaborados.

O ensino de História iniciou-se nas escolas elementares, onde seu foco maior seria ensinar sobre a História do Brasil, despertando no aluno o espírito de patriotismo, trabalhando o conceito de Pátria a fim de exaltar as tradições nacionais.

Nesse contexto, as escolas primárias também eram chamadas como escolas de primeiras letras, estas seriam o lugar onde os alunos aprendiam ler, escrever e contar, uma escola de alfabetização, além disso, na hora da leitura cabia ao professor o dever de utilizar temas sobre a constituição do Império e História do Brasil. Conforme diz Bittencourt (2009), o ensino de História era associado a lições de leitura, para que as crianças aprendessem a ler utilizando temas que incitassem a imaginação dos mesmos e fortificasse o senso moral, por meio de deveres para a Pátria e seus governantes.

Nota-se que ensinar história era um instrumento de beneficiar a Pátria e seus governantes, elevando os conhecimentos da história do Brasil desde cedo para atingirem um objetivo nacional, resumidamente na preocupação com a formação moral e cívica, através da elaboração dos conteúdos construindo assim a ideia de nação, tais ocorridos acentuaram-se desde a organização do sistema escolar nos séculos XIX e XX.

Para Bittencourt (2009), as escolas primárias foram existindo apenas nos lugares mais desenvolvidos, porém, com o aumento populacional, devido o processo de imigração, bem como a abolição do sistema escravista, e os direitos tanto sociais como civis deveriam ser expandido a um número maior de pessoas, os debates políticos sobre a cidadania também foram aumentando, logo, com o passar do tempo as escolas primárias tiveram que ser ampliadas, ganhando de fato novo destaque pela necessidade de alfabetizar mais pessoas.

Nesse sentido, na tentativa de incitar nas pessoas o patriotismo, este era ressaltado nos livros que haviam sido elaborados no século XX, deixando entrever claramente qual era o objetivo central a ser ensinado nos conteúdos escolares, dessa forma, todas as crianças que estudavam nessas escolas aprenderiam sobre sua nação.

Nas primeiras décadas do século XX já existiam diversas escolas primárias nas áreas urbanas, bem como escolas públicas e escolas confessionais criadas por grupos variados, atendendo pessoas, em especial adultos que trabalhavam. Bittencourt (2009) afirma que essas escolas com rotinas diferentes, horários e tempos pedagógicos, eram controladas pelo poder estatal, assim, no fim dos anos 30 estas completaram um período de confrontos relacionados à que conteúdo seria ensinado, uma vez que precisariam dos mesmos para a formação nacionalista e patriótica. “Os anos 30 foram marcados pela consolidação de uma memória

histórica nacional e patriótica nas escolas primárias” (BITTENCOURT, 2009). Logo as escolas primárias obtiveram uma grande participação nos anos 30 para consolidar-se a formação nacionalista e patriótica.

Diante desse pressuposto, o ensino de história nas escolas primárias, seria um meio para que os alunos aprendessem sobre a história da nação, exaltando os heróis, despertando um amor pela pátria, a fim de que as histórias não se perdessem, com base nos interesses do governo, de tal modo que cada indivíduo realizasse seu papel de cidadão na sociedade.

Além do mais, é preciso ressaltar sobre a trajetória da memorização no ensino de História. Este método criou raízes em meados do século XIX, por essa razão, até mesmo nos dias atuais este termo é assimilado na mente das pessoas, referindo-se à disciplina de história como uma matéria voltada para a decoração, uma vez que o método de ensino utilizado era a memorização.

Conforme afirma Bittencourt (2009), era notável o predomínio do método decorativo, tanto nas lembranças dos alunos da história escolar, como nos livros, sendo estes criados no século XIX. Além do mais, os alunos que mais se destacavam eram aqueles que conseguiam decorar tudo o que pedia o livro, por isso, era importante memorizar os nomes e as datas.

O catecismo era um livro didático, este era o mais utilizado por muitas escolas primárias, composto por perguntas e respostas, as crianças “só precisavam decorar” todas as respostas e passar para o caderno. Logo compreende - se que todo ensinamento concedia de algo a qual se pretendia que fosse memorizado, partindo da ideia de que para aprender era preciso “saber de cor”, por outro lado é preciso deixar claro que nem todos os alunos conseguiam cumprir esse papel, e para esses restava pegar palmatória, assim quem não queria “apanhar” na aula precisava reproduzir.

Com o surgimento de críticas em consideração ao método de ensino de História, surgiram novas propostas na tentativa de mudar esse ensino, mas sem deixar de por em relevância as histórias dos heróis da Pátria.

“A crítica ao aprender de cor, que não podemos confundir com a memorização consciente, tem sido, portanto, constante desde o fim do século XIX” (BITTENCOURT, 2009). Percebe-se que o ensino de história de forma decorativa acarretou uma concepção na mente das pessoas que permanece até os dias atuais, mas o que não pode ser levado em conta é que o ensino de história resume-se a esse método de “decorar tudo por excelência”, como a autora bem destaca não se pode confundir memorização consciente com o ensino de decorar, uma vez que esta desperta a capacidade intelectual da pessoa em se colocar diante da situação, despertando um ser crítico. Se o termo “decorar de cor” ainda existe é possível levar em conta

que, mesmo com as mudanças no ensino, o método da memorização ainda está presente em algumas aulas, sendo responsável por críticas ao ensino de História.

Desse modo, ao decorrer das mudanças para as escolas primárias, surgiram também propostas para introduzir conteúdos históricos dos Estudos Sociais, e substituir as disciplinas de História, Geografia e também Civismo, visando através dos conteúdos dessa área, integrar o aluno com a sua sociedade.

Bem como afirma Bittencourt (2009), que os Estudos Sociais foram adotados em escolas ditas experimentais ou vocacionais na década de 60, porém depois da reforma na educação durante o período da ditadura militar, com o uso da Lei 5.692 de agosto de 1971, esta área foi estabelecida em todo sistema de ensino, em seguida denominando-se de primeiro grau. Os conteúdos dos Estudos Sociais eram constituídos de matérias que se integravam para explicar o mundo capitalista, tais vinham da Geografia humana, Sociologia, Economia, História assim como da Antropologia Cultural, toda essa junção de conhecimento formava Ciências Morais, com grande importância para o bom desenvolvimento dos Estudos Sociais.

Outro importante assunto a destacar, é sobre a história no ensino secundário. No Brasil, a História como disciplina escolar foi incluída nos planos de estudos da escola Pedro II criada em 1837 pelo governo imperial no Rio de Janeiro, era uma escola que atendia a formação das elites, além do mais, este nível secundário se caracterizava por ser um curso oferecido tanto pelo setor público como setor privado. “A História foi uma disciplina incluída no plano do Colégio Pedro II, a escola secundária pública modelar criada pelo governo imperial em 1837” (BITTENCOURT, 2009).

A História esteve presente no ensino secundário como ensino obrigatório, com seus conteúdos desempenhando suas finalidades principais, exercitando o espírito do cidadão constituindo uma identidade nacional.

A História, tanto nas escolas públicas como confessionais do século XIX, integrava o currículo denominado de “humanismo clássico”, o qual se assentava no estudo das línguas, com destaque para o latim, e tinha os textos da literatura clássica da Antiguidade como modelo e padrão cultural (BITTENCOURT, 2009).

Dito isso, o humanismo clássico era integrado no currículo de História nas escolas públicas e confessionais secundárias, onde o ensino desse conteúdo era obrigatório, levando em conta que este fazia com que os alunos adquirissem o sentido de pertencerem a uma elite, e estudando o Latim poderiam usar expressões e serem diferenciados dos outros povos. “O secundário foi criado para atender às formações dos setores de elite” (BITTENCOURT,

2009), percebe-se nitidamente como o ensino de História no secundário favorecia a elite, com propósito em tornar os alunos conhecedores de fazer parte de um grupo social diferente.

Como percebemos o currículo humanístico era obrigatório no secundário, mas não era o bastante para realizar o desejo que pairava pela Europa e América, logo, com as necessidades de grandes mudanças no País, relacionados à modernização, este currículo foi seriamente criticado no fim do século XIX, e tornou-se necessário a forma de inserir as ciências da natureza, de modo que, o conhecimento pudesse ser levado para as futuras gerações.

O mundo industrial que se espelhava pela Europa e pela América setentrional era incorporado por setores da nossa elite, que passaram a questionar o currículo humanístico e acentuavam a necessidade de introduzir as ciências da natureza para a formação das novas gerações (BITTENCOURT, 2009).

Dessa maneira, foi preciso uma nova organização nas disciplinas escolares, abrindo-se espaço para uma formação intelectual, com Matemática, Biologia, Física, História Natural, introduzindo com suas especialidades o currículo científico. Nesse processo, a História fazia parte desse currículo sem perder de foco seu objetivo no secundário, “formação de uma elite”.

Segundo Bittencourt (2009), o ensino secundário recebeu muitas críticas nos anos 60, assim como também foi vítima do processo de reorganização escolar, pela demanda de um público de número crescente e de forma acelerada, a partir dos anos 70 sob o regime político dos militares. Por consequência do regime militar, o ensino teve que ser reorganizado, ampliando a educação, acarretando ao secundário uma divisão em dois níveis, o ginásial e o colegial; o ginásial daria continuidade ao ensino primário, chamado de primeiro grau de oito anos, enquanto o colegial denominou-se de segundo grau, e transformou-se em um curso que preparava o aluno para seguir sua profissão. Assim como já foi citado anteriormente, a História e Geografia, depois dessa mudança na educação, tornaram-se Estudos Sociais, com finalidades em situar o aluno com sua sociedade.

De acordo com Bittencourt (2009), em meados dos anos 60, com as modificações de conteúdos realizaram-se tentativas de renovações metodológicas para dar suporte às novas transformações no ensino. Com isso, foram efetuados debates pensando na renovação do método e também na função das disciplinas, principalmente do ensino de História, porém estas escolas que buscavam articular conteúdo e método, não alcançaram sucesso sendo que as mesmas foram fechadas pelo regime militar, o que deixa explícito a falta de consideração por uma forma de ensino desejado de modo atender ao conjunto social.

Entretanto, enfatizando o ensino de História na atualidade, muitas propostas foram surgindo de modo a desenvolver um ensino adequado, de acordo com as exigências do mundo tecnológico, das informações, envolvendo cada vez mais os estudantes, pensando em seus gostos.

Para Bittencourt (2009), é possível identificar as transformações no ensino de História, pois a partir de 1980 foram elaboradas propostas curriculares pelo Estado e município, assim como pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), sendo estes produzidos pelo poder federal na segunda metade da década de 90, tornando-se propostas que surgem em um momento importante do ensino de História.

Os PCN's, no Brasil, são regras que moldam o ensino fundamental e médio, proposta que vem sendo seguida nas salas de aulas atualmente, teve grande importância para que os conteúdos pudessem ser ensinados de maneira adequada, permitindo ao aluno uma melhor forma de aprender, convergindo com os conteúdos, estes seguem modelos curriculares de outros países, sua organização documental oficial possuem as mesmas estruturas destes. Este representa cuidado com a forma em que o ensino de História deve ser efetuado. “Os nossos currículos [...], têm seguido modelos externos, especialmente os da França, para o ensino de História” (BITTENCOURT, 2009). No entanto, deve-se grande preocupação no real interesse a que vem sendo tomado o ensino, se tratando do currículo que a educação brasileira vem seguindo baseada também em países externos.

Diante desse panorama, Bittencourt (2009), destaca as finalidades curriculares, enfatizando que o Ministério da Educação (MEC), este que é alinhado ao modelo liberal, ficou comprometido por reformular os currículos, que agarrassem os níveis curriculares do infantil ao superior, de forma que atendesse aos pressupostos educacionais. Já os PCN's foram elaborados sob a orientação internacional da psicologia da aprendizagem, a piagetiana, destinados ao ensino fundamental e médio, ou seja, o ensino de História na atualidade tem como base essas propostas curriculares.

Com isso, é preciso ressaltar que o ensino de História, tanto para o fundamental como para o ensino médio, adquiriu mais propostas em seu currículo, na busca por desenvolver melhor o ensino, compreendendo as demandas da atualidade. A partir da década de 80 do século XX, passou por diferentes transformações, e novos métodos foram sendo incorporados na disciplina de História, uma vez que a mesma continua a ser uma das bases importantes do conhecimento que constitui as Ciências Humanas, no sentido de adaptar o ensino de História com as novas tecnologias fazendo cumprir tal importância.

## 1.2 A MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

As diferentes riquezas musicais hoje não servem apenas para as pessoas ouvirem como favoritas ou para dançar, hoje a música invade até mesmo as salas de aula, contribuindo para o sucesso da educação, pois passou a fazer parte dos novos métodos de ensino, ou seja, não serve somente para distração. A música dispõe de um conteúdo rico, com vasto repertório, bem como é acessível em qualquer lugar, assim, o uso desta no ensino é de total eficiência, ou seja, ela tem a capacidade de aproximar o aluno conforme os conteúdos estudados na sala de aula.

[...] a persuasão e a eficiência da música no ensino não se questiona, mas, além de tal técnica de ensino nunca ter sido formalizada, a não ser com relação a alunos com algum tipo de deficiência, não devemos nunca esquecer que a música, nem por sonho, restringe-se apenas a isso. Trata-se de uma arte extremamente rica e dispõe de farto e vasto repertório acessível em qualquer lugar do nosso planeta [...]. (FERREIRA, 2010).

A música expressa o pensamento de uma pessoa acompanhada de sons e timbres, sempre revela o sentimento de alguém, seja por outro ser, seja por um lugar onde a lembrança guardada na memória faz a história de um povo ser contada e cantada.

[...] toda música é um complexo que resulta da cultura à qual está inserido. Assim, toda música está referenciada à história, aos dados sócio político estéticos, entre outros. Sendo assim, ressaltamos desde já: a música é informação (VALENTE, 2005).

Em consonância com o autor, a música é o resultado de acontecimentos do local a qual está inserida, dos momentos históricos vividos por determinada sociedade, dos costumes, da crença, da arte, trata-se da subjetividade social. Com isso, a música adquire a capacidade de despertar o pensamento do indivíduo a respeito da história do corpo social. Nessa perspectiva, o autor Napolitano (2005) *apud* Holanda (2013), relata que a canção “[...] ajuda a pensar a sociedade e a História”, para este autor, a música não é boa apenas para ouvir, mas de fato ajuda também para pensar. Suas palavras deixam explícito o bom uso que o mesmo faz da canção, especulando um significado maior para o termo, pois este afirma que a música é boa para ouvir, bem como percebe a capacidade de refletir a sociedade a partir das letras da música, afirmando serem boas também para pensar.

Conforme Bittencourt (2009), as músicas estão sendo cada vez mais utilizadas nas aulas de História como material didático, tornando-se também objeto de pesquisa de historiadores. Porém, entre os tipos de músicas que mais atraem os pesquisadores, assim como aos professores, se destaca a “música popular”.

De acordo com Napolitano (2002) *apud* Bittencourt (2009), a música popular emergiu do sistema musical do Ocidente e foi consagrada no século XIX pela Burguesia. Com relação à divisão do popular e o erudito, esta nasceu mais em função das próprias tensões sociais e das lutas culturais da sociedade burguesa do que por um desenvolvimento natural, ou seja, a música popular surge para atender aos anseios da sociedade burguesa.

Segundo a autora Miriam Hermeto (2012), a canção popular na cultura brasileira, ganha valores diversificados, é arte, diversão, fruição, produto de mercado, e por tais razões, é uma referência cultural bastante presente no dia a dia.

[...] a música é uma atividade, uma fruição, um prazer, um movimento que se completa em nós, na escuta, e que nos mobiliza de forma única, singular, integrando sentidos, razão, sentimentos e imaginação. Mesmo porque é esse o jogo que sustenta sua prática caracterizada por uma ludicidade que motiva, entusiasma, educa. (SEKEFF, 2002).

Desse modo, é possível compreender o uso da música popular como um excelente instrumento pedagógico que vem sendo utilizado nas aulas de História, é relevante perceber sua capacidade de produzir um maior interesse por parte do aluno, tais relatos identificam a maneira como a canção está presente no cotidiano das pessoas, expressando a cultura, a arte de um povo. É preciso lembrar que o ensino de História engloba a cultura, assim a música torna-se um material rico e diferenciado a ser trabalhado em sala de aula, influenciando na aprendizagem e também contribuindo para os professores que buscam novos recursos. Hermeto (2012) enfatiza que os usos da canção popular brasileira no ensino de História atendem, em geral, à busca dos professores por recursos pedagógicos mais próximos ao cotidiano dos alunos.

Nesse sentido, a maioria dos professores de História que não querem ir contra o novo tempo em que vive o aluno, procura levar para sala de aula algo que faça parte das novas tecnologias, de modo que se torne recurso pedagógico, contribuindo para o sucesso de suas aulas, e para o aprendizado dos estudantes.

Diante disso, muitos educadores encontram nas músicas um meio mais prático para ensinar, mesmo por que os jovens gostam de música, esta é algo que faz parte do cotidiano

dos mesmos. Logo, utilizar a canção em sala de aula será uma maneira de tentar interagir com os gostos dos estudantes do século XXI. Com isso, a música consegue responder aos interesses dos professores assim como dos alunos, pois facilita a aprendizagem na vida dos mesmos, sendo que vivem em um mundo contemporâneo.

O ensino de História, por requerer mais a leitura e interpretação, acaba por se tornar na concepção de muitos alunos, a disciplina mais “chata”. Além do mais, o ensino de História é complexo, contribuindo para a grande dificuldade dos docentes na hora de planejarem suas aulas. É por essa razão que professores dessa disciplina, precisam fazer uso de novos métodos, para que o conhecimento possa ir além dos livros, mudando o pensamento dos discentes, fazendo estes se interessarem mais pela leitura, devido ao novo modo de aprender.

Para Hermeto (2012), a canção popular, deve ser utilizada como recurso didático no ensino de História, pois esta é um produto cultural popular confeccionado e consumido pelo Brasil, assim como esta é amplamente acessível e presente na vida dos estudantes.

Com uso da canção como recurso didático, os professores poderão mudar a concepção voltada para o ensino de História, tornando suas aulas mais dinâmicas e desfazendo o slogan criado sobre as aulas de História como “aula chata” ou “matéria decorativa por excelência”. Contudo, cabe ao educador saber fazer uso desse material.

Segundo Hermeto (2012), caso o professor utilize a canção como recurso, é importante que tenha disponibilidade para buscar conhecer as características essenciais da linguagem musical, bem como este precisa analisar o universo de canções que pretende explorar, agindo assim poderá selecionar como “documentos” para seu planejamento pedagógico.

Com base nessa afirmação, não basta apenas o professor querer fazer o uso da canção, este precisa conhecer o espaço no qual será trabalhado, selecionando as músicas conforme os conteúdos ministrados em aula, além de adquirir a responsabilidade em fazer os seus alunos entenderem o real significado do aprendizado por meio de novos caminhos.

Entretanto, muitos educadores não querem sair do seu ritmo monótono e tradicional de ministrar suas aulas, principalmente se for o caso de fazer seleções com a questão relacionada à música. Mas, quando se trata de um ensino significativo é fundamental que essas rotinas fiquem de lado, o professor precisa desempenhar o papel de renovador, continuar se informando, fazendo uso de novos métodos pedagógicos.

Nessa perspectiva, é que a música entra em cena, a partir do momento em que existe esse docente preocupado em ajudar seus alunos, e com a forma de ensinar, utilizando-a como uma ferramenta adequada. Assim, ao mesmo tempo em que um ensina o outro aprende, além

do mais, a música pode ser trabalhada em todas as escolas e com alunos de todas as idades, pois seu público não é delimitado.

Nesse contexto, a música dita popular tem grande relevância e pode ser trabalhada na sala de aula. “Assim sendo, como tema, ela é, genericamente, adequada a práticas escolares e planejamentos didáticos voltados para alunos de qualquer faixa etária” (HERMETO, 2012).

Napolitano (2005) *apud* Holanda (2013), também traz notícias significantes, ao dizer que o uso da música popular brasileira se tornou objeto de um número cada vez maior de pesquisa acadêmica no campo da História. Despertando assim a compreensão sobre a grande utilidade que a música oferece ao ensino.

A música e a canção popular brasileira são defendidas pelos autores como grandes riquezas musicais, com significados diversos, em nenhum momento como produções artísticas insignificantes, mas sim como documentos que surgem da experiência do cotidiano de uma sociedade.

Para Napolitano (2005) *apud* Holanda (2013), a música é um documento artístico-cultural e histórico, na medida em que é produto de uma mediação da experiência histórica subjetiva com as estruturas objetivas da esfera socioeconômica. Complementa Holanda (2013), que a música, enfim, trata-se de um documento de natureza estética polissêmica.

Diante dessa premissa, a música poderá ser trabalhada como um documento, sendo que esta é uma arte histórica e cultural que representa as questões do passado e presente que interessam à determinada sociedade, por isso esta pode ser levada para sala de aula e ser apresentada como uma fonte do conhecimento no ensino de História.

Com relação a canção popular brasileira, a mais utilizada nas aulas de História, é “Produzida pelo homem e por ele, (re) apropriada cotidianamente, objeto multifacetado polissêmico, é elemento importante na constituição da cultura histórica dos sujeitos” (HERMETO, 2012). É por tais significados que Hermeto (2012), em seu livro “A canção Popular Brasileira”, vem (re) afirmando, que a canção “deve” ser um recurso para ser analisado nas aulas de história, sendo que a música é importante na cultura, e a cultura é um dos assuntos que engloba - se nos conteúdos do ensino de História. Uma vez que, esse rol de características da música, precisa ser levado em consideração para a razão de um número cada vez maior de seu uso no ensino de História.

A canção popular brasileira que retrata a subjetividade de uma sociedade, além de relatar em sua letra os acontecimentos que marcam para sempre na memória de uma nação, fatos relacionados ao cotidiano dos homens, pode ser considerada de grande utilidade como recurso didático no ensino de História.

Com isso, compreende-se o fato da música fazer parte dos novos recursos que vem sendo utilizado nas aulas de História, pois conforme foram acontecendo mudanças com surgimento dos meios tecnológicos, também foi necessário fazer uso de métodos que contribuíssem com o ensino de História, para facilitar o aprendizado da nova geração.

Com base nesse discurso, complementa Bittencourt (2009), o uso da música é importante por situar os jovens diante de um meio de comunicação próximo de sua vivência, mediante o qual o professor pode identificar o gosto e a estética da nova geração. Contudo a música, em destaque a canção popular, passou também a fazer parte das preferências dentre os métodos dos professores a serem levadas à sala de aula, estas são as que mais correspondem a temas discutidos na disciplina, no entanto, as canções mais reconhecidas são MPB, Samba entre outras.

## CAPÍTULO II

### AS TOADAS AMAZÔNICAS E O ENSINO DE HISTÓRIA

#### 2.1 AS TOADAS AMAZÔNICAS

Segundo Farias (2005), toadas são as músicas compostas para a apresentação dos Bois-Bumbás, estas versam de acordo com o tema escolhido pela agremiação folclórica para o Festival de Parintins, contendo assuntos sobre a região Amazônica. Além do mais, os temas e a escolha das toadas, são definidos sempre no final do ano para que estas possam ser ouvidas e todos os brincantes ensaiem para o momento do evento. Todas as toadas são selecionadas, destas apenas doze ou vinte são gravadas no CD oficial dos Bumbás. Ainda de acordo com Farias (2005), existe uma comissão que organiza a seleção das toadas, onde observam a qualidade musical da toada. Além disso, o compositor não pode concorrer em mais de um dos grupos de Bois, obedecendo aos critérios do concurso, portanto compõe para o Caprichoso ou para o Garantido, assim cada grupo tem o seu compositor.

Nesse sentido, as toadas amazonenses ganham importância por representarem a cultura da Amazônia, estas são produzidas pelos compositores da região para a realização do Festival Folclórico de Parintins. Sendo este um dos maiores festivais do Brasil, também conhecido internacionalmente, atraindo inúmeros turistas para a região, favorecendo principalmente a cidade em termos econômicos bem como culturais, sendo este evento realizado nas últimas semanas do mês de junho.

Nessa perspectiva, é possível destacar dois imensos grupos que disputam durante esse evento, os bois-bumbás, denominado pelos nomes de Caprichoso e Garantido, por essa razão a cidade fica dividida por torcedores apaixonados, cada pessoa escolhe para que lado torcer, em detrimento disso, toda arena fica composta por duas cores, Azul e Vermelho, na disputa pelo título de Campeão. “A rixa dos dois Bois de fama virou Festival Folclórico e transformou-se, com o tempo, em um monumental espetáculo de massa que atrai cada vez mais torcedores apaixonados”, (FARIAS, 2005).

Partindo desse pressuposto, é para este festival que as toadas são compostas, são elas que emitem vida ao evento, narrando o momento da apresentação na arena, cada grupo tem a sua toada para ser cantada durante a apresentação, por isso é possível ouvir pessoas referindo-se ao termo “as toadas do Caprichoso ou toadas do Garantido”. Com relação às toadas, é preciso lembrar que não é qualquer música que pode servir para o Festival de Parintins, antes

de tudo existe uma seleção da agremiação é preciso que estejam compostas por conteúdos com características indígenas e versos regionais e de acordo com os temas do evento.

Seguindo esse pressuposto, Holanda (2010) *apud* Holanda (2013), argumenta que, o Festival Folclórico de Parintins foi criado no ano de 1965, e a primeira disputa entre os grupos do caprichoso e Garantido realizou-se um ano depois. Ainda o mesmo autor destaca que, é para o Festival Folclórico de Parintins, que são produzidas e veiculadas as toadas mais conhecidas pelo público ouvinte bem como o consumidor do gênero musical que está em foco. É possível compreender a função das toadas para que o festival ganhe vida, bem como a razão de tantos cuidados com a música e letra que será apresentada ao público, este que se ver atraído pela magia expressada na canção do amazonense, denominada toada.

Segundo Farias (2005), a toada conduz a apresentação dos Bois-Bumbás, e também faz parte dos principais itens que contam na pontuação que vem eleger o campeão, pois as letras e músicas selecionadas são julgadas, uma por noite no momento em que ocorre o festival, além do mais é o levantador de toadas quem interpreta acompanhado por um grupo vocal de apoio.

A respeito do Festival de Parintins, para Cavalcante (2000), as apresentações atingiram mudanças, pois a antiga forma de realização das festas folclóricas dos bois-bumbás baseava-se na lenda da morte e também na ressurreição de um boi. No entanto, este comenta que, em Parintins a dramatização desta lenda antiga ainda permanece, mas é possível observar claramente mudanças, com uma crescente ênfase na cultura indígena, sobretudo a partir de 1965 com a criação do festival Folclórico de Parintins. Farias (2005), também enfatiza a respeito do Festival ganhar influências indígenas e da cultura local.

Com base nesse contexto, é possível afirmar que o festival exige maior foco na cultura indígena, logo a toada traz consigo a responsabilidade de falar dessa riqueza cultural da natureza amazonense em seu conteúdo.

Nesse sentido, essa afirmação contribui de forma significativa para deixar claro como a cultura indígena vem sendo valorizada a partir da existência do festival de Parintins, tornando verdade que, atualmente as toadas fazem parte da cultura popular, e que essas transformações trouxeram mais sentido para uma obra que perpassa o seu ideal, que além de ser ouvida hoje ela pode ser estudada. Ao produzir a toada, o compositor precisa conhecer assuntos da região Amazônica, uma vez que é a toada que dar suporte a apresentação na arena e demonstram seu grande valor e sentido da festa. “[...] a importância da música na festa, assim dizer inscrita no corpo dos brincantes, posto que é ela que confere sentido ao batuque, ao canto e à dança, sem

os quais não teriam sentido o espetáculo dos bumbás” (BRAGA, 2000 *apud* HOLANDA 2013).

Entretanto, os compositores das toadas precisam ter a grande responsabilidade em adquirir o conhecimento da história da região, além do mais, é preciso inovar, mas, o que mais interessa é cantar conforme os costumes, as tradições. Estes compositores são essenciais para que as toadas venham a existir. Assim, expressam a história de um povo milenar, por isso, a toada se torna fonte fundamental para deixar viva a cultura regional e dar sentido ao espetáculo do **Festival**.

Nesse sentido, é importante saber sobre o processo para a produção das toadas, pensando assim que será efetuado um breve discurso a respeito. Segundo Farias (2005), os compositores das toadas enfatizam como é importante a pesquisa para a realização de seus trabalhos, assim, após escolhido o tema pela Comissão de arte, estudam sobre o mesmo, pesquisando os conteúdos sobre lendas, tribos, rituais referente à região. Logo, são realizadas leituras de livros, pesquisas em jornais, panfletos e depois de obterem conhecimentos começam a compor as canções.

Ainda de acordo com Farias (2005), o processo mais acadêmico das toadas criadas a partir das pesquisas, afastaram compositores que eram acostumados a criarem toadas vindas de sua própria inspiração, as toadas de improviso, ou seja, que não seriam preciso estudar sobre determinado tema. No entanto, em 2015 muitos compositores do Garantido que estavam afastados retornaram com toadas ainda melhores.

Para Braga (2002) *apud* Cardoso (2013), as toadas são resultantes de um longo processo, com início a partir da criação do compositor, continuando na seleção da toada pelo Boi-Bumbá, bem como na interpretação recebida pelo levantador de toadas, no momento em que este contribui na apresentação das músicas do Boi-Bumbá, assim como, concorrendo ao item *toada* durante as três noites do Festival. Além disso, ressalta que as toadas são feitas por compositores tanto de Parintins como de Manaus.

Com isso, as toadas passam por um processo até chegar ao ouvido do público, com muito cuidado, pesquisa e dedicação, pensando em constituir a história de uma sociedade. Antes as toadas eram menores, e realmente eram cantigas, mas hoje são maiores, tem toda preocupação em repassar conteúdos da região.

As toadas amazônicas já atingiram sua totalidade, estas já estão conhecidas nacionalmente e internacionalmente a partir do Festival de Parintins que vem sendo grandemente divulgado. Algumas músicas se tornaram inesquecíveis pelo sucesso alcançado,

e ainda são tocadas como referências da toada amazonense em muitos eventos até hoje, por toda região.

De acordo com Farias (2005), a toada do caprichoso chamada: “Tic -Tic -Tac”, do autor Braulino Lima, bem como a toada do Garantido denominada: “Vermelho”, do autor Chico da Silva, esta que foi gravada na voz de Fafá de Belém, se tornaram sucesso, e simbólicas, inesquecíveis pelo Brasil.

Diante dos fatos mencionados, as toadas amazônicas adquirem grandes funções, tornar mais viva a cultura, resgatar valores das diferentes tribos indígenas, guerreiros que resistiram, lutaram contra a colonização, enfatizar as três matrizes que se tornaram importantes para formação do povo Amazônida, bem como guardar costumes, crenças, além de defender a preservação da natureza. Enfim, as toadas criadas no Amazonas tem a grande preocupação em exaltar as diversidades que existem na região Amazônica, uma vez que, estas são produzidas pelo caboclo amazonense, privilegiando toda a região da Amazônia.

## **2.2 AS TOADAS AMAZÔNICAS COMO PROPOSTA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

As toadas modernas dos bois-bumbás constituem valores influentes sobre a região da Amazônia, incluindo em seus conteúdos fatos históricos que permitem ao ouvinte saber mais sobre a origem de sua sociedade. Dessa forma, as mesmas podem ser relacionadas com o ensino de História, onde o professor poderá utiliza-la como um recurso viável, possibilitando aos discentes aprender de maneira didática.

Compreende-se que a música tornou-se objeto de estudo no campo da História por muitos anos, principalmente que a canção popular destaca-se como a maior referência pelos professores. Entretanto, a toada ainda não é vista como parte desse grupo musical em destaque, sendo que esta tem características iguais a das canções ditas populares, mas, essa arte que expõe elementos da região Amazônica, também do Brasil, ainda é desconhecida, ou ignorada, como fonte de estudo em sala de aula, por isso optou-se neste tornar proporcional o uso das toadas amazônicas nas aulas de História, buscando valorizar a arte cultural amazonense, bem como para favorecer o ensino de História.

Conforme Holanda (2013), a toada é produto cultural, confeccionada pelos compositores das festas de boi-bumbá espalhadas pela Amazônia, esta tem em vista a sua natureza polissêmica, sua historicidade, seu lugar social e suas variadas (re) apropriações por grupos diferenciados. Desde já, as palavras do autor apresentam com clareza a quantidade de

riqueza que uma música de toada da região norte é acompanhada, bem como vem demonstrando que as mesmas são (re) apropriadas de acordo com seus grupos. É com esse entendimento que pensamos na proposta deste “produto cultural” fazer parte do processo de ensino e aprendizagem nas aulas de História, pois a canção de toada é produzida com base na história de uma sociedade, é voltada para os acontecimentos que marcaram na história, vem valorizando o negro, o branco e o índio, chamados assim a junção dos mesmos, os caboclos.

Nessa conjuntura, o ensino de História precisa ser significativo de forma que desperte no aluno um sujeito histórico, possibilitando aos mesmos uma compreensão sobre a história de seu passado para que possam sentir-se como membro de uma sociedade, ou seja, é necessário que se crie mecanismos para favorecer o ensino, bem como aproximando o aluno de sua própria cultura. Com base nesse argumento, Hobsbaw (1998) *apud* Pinsky (2012) afirma: “Ser Membro da comunidade humana é situar-se com relação a seu passado, que é uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e padrões da sociedade”.

Nesse sentido, precisa-se ressaltar que, a toada utilizada enquanto a narrativa do evento deverá seguir todo o regulamento do Festival, sabe-se que o festival passou por mudanças e a cultura do Amazonas foi introduzida ao folguedo original, logo as toadas são grandemente formadas com base nos conhecimentos sobre a região Amazônica.

De acordo com Farias (2005), ocorreu uma espécie de antropofagia cultural, onde a brincadeira original, ou seja, do boi, incorporou os elementos da cultura da região, essa mudança, se desenvolveu nos anos 70, por razão da falta de divulgação e de apreciação da cultura amazônica, pois esta não era ensinada nas escolas, assim como pelo fato do país, nessa época, está vivendo momento cultural de cunho nacionalista.

Reitera Farias (2005), que tal afirmativa pode ser comprovada pelo objetivo do Festival, que está inserido no regulamento das apresentações, tais como preservar o folclore do Boi-Bumbá e a cultura regional, estimular o espírito criativo do povo parintinense, assim como valorizar a diversidade etno-cultural dos povos da Amazônia, defender e estimular o uso sustentável da biodiversidade na Amazônia.

Com base nos objetivos do Festival de Parintins, torna possível pensar na utilização da toada narrar também nas aulas de História, contribuindo como método pedagógico no ensino. Tendo em vista que o ensino de História abrange a região da Amazônia, cultura, consciência étnica, expressões artística. “Como compositor de toadas, professor universitário e pesquisador no campo da cultura amazônica, tenho refletido sobre as possibilidades de convergência desse gênero musical com o ensino [...]” (HOLANDA, 2013). Compreende-se

que a toada vem sendo pensada como fonte para ser trabalhada no ensino, o que torna claro que a mesma ainda não é utilizada, entre as músicas, como método adotado pelo professor nas aulas de História. Mas acredita-se na potencialidade que a mesma tem para tornar-se como um texto que deve ser lido e também interpretado.

Além do mais, a toada vem retratando a paisagem da Amazônia, falando da riqueza existente neste espaço: os rios, a fauna, flora, exaltando o verde que envolve a cor da mata, concentrando a atenção do público ouvinte para preservação ao local, como forma de amenizar os desmatamentos, as destruições do meio ambiente. Assim, percebe-se a importância de utilizar esse produto cultural como instrumento no ensino, conscientizando os estudantes para preservação da região, nota-se a partir das letras que existe grande possibilidade de relacioná-la com os assuntos abordados nas aulas.

Desse modo, o professor utilizando a toada enquanto música como uma ferramenta, irá conseguir enriquecer sua prática pedagógica, inovando suas aulas e tornando diferente o meio do aprendizado do aluno, bem como será capaz de permitir a interação do mesmo com sua cultura, desde que o material escolhido como recurso esteja sempre de acordo com o conteúdo, criando um bom planejamento que possibilite ao estudante, fazer uma boa interpretação a partir da análise das canções.

Outro ponto importante, que precisa ser ressaltado é que muitos compositores utilizam nas letras das toadas expressões da linguagem indígena derivante dos grupos Tupis, sendo esta, o uso da língua geral, chamada de Nheengatú, como um meio de valorizar a cultura linguística da região.

De acordo com o livro “Da Fala Boa ao Português na Amazônia” do autor José Ribamar Bessa Freire (2001), a Língua Geral, o Nheengatú, significa (fala boa), seria uma língua usada na região Amazônica, que já existia durante o período colonial, a consolidação dessa língua pode ter sido facilitada pelos Tupis, sendo os mesmos a maioria dos povos que viviam na região do baixo Amazonas, no momento da conquista. Estes índios dominavam a área, era visível sua densidade demográfica, estiveram presente também na ilha Tupinambarana, ou seja, o atual município de Parintins, mas esta língua foi sendo formulada pelos portugueses.

Diante disso, compreende-se a grande necessidade de relacionar esta arte com o ensino, levando o conhecimento para os alunos nas aulas de História, sobre a língua geral, a língua legítima em que os povos indígenas se comunicavam, era cultural, o costume que por tornar difícil o processo de colonização, foi sendo formulada.

Nesse contexto, é possível destacar que a toada amazônica é um ritmo de música, entre os diferentes e variados encontrados na região norte, muito rica em conteúdos, com histórias relevantes em seu contexto. Chamando a atenção de forma dramática, sobre a importância para valorização da cultura amazônica, preservação da natureza, assim como, as lendas os mitos com os seus encantos, riqueza histórica, retratando os principais fatos mais difundidos na história de um povo, ou seja, narrando principalmente os diferentes grupos indígenas que fizeram parte da história local.

Farias (2005), afirma que ao cantar e contar as histórias, as lendas assim como os costumes da Amazônia, os Bumbás resgatam a valorização do amazonense enquanto identidade cultural legítima.

Nessa premissa, os momentos que são narrados nas letras das canções são resultados culturais, materiais e simbólicos que marcam a vida da sociedade, são as origens que estão sendo resgatadas. É a memória que vem sendo valorizada contada por todos os amazonenses, a partir da arte, do produto cultural.

Desse modo, assim como o festival Folclórico de Parintins, as toadas são abrangentes, algo produzido pelo povo, bem como destinado para o povo consumidor deste gênero, destacando a cultura de modo a manter vivo a história da Amazônia, no entanto esta faz parte da cultura popular. Sabe-se que a canção popular ganha novo sentido contribuindo para o ensino, por isso a toada deve ser reconhecida nas aulas de História.

Para Hermeto (2012), a canção popular é produzida pelo homem e pelo mesmo é (re) apropriada no seu cotidiano, é polissêmico, e por isso muito importante para constituição da cultura histórica dos sujeitos. Reitera a mesma autora, que por essas razões a canção popular pode ser tomada como um instrumento didático privilegiado no ensino de História. Nesse sentido, levando em consideração todos os objetivos do Festival, e pelas características de canção popular, abordadas pela autora Mirian Hermeto no seu livro *Canção Popular Brasileira e Ensino de História*, podemos utilizar as toadas do Festival Folclórico de Parintins como instrumentos didáticos.

Nessa perspectiva, afirma Frade (1991) *apud* Santos (2011), que o estabelecimento da cultura popular se dar através das relações familiares, de vizinhança bem como do compadrio, assim a aprendizagem vai ocorrendo conforme as rotinas, participações contínuas, um modo interativo entre as pessoas, pois não há, conseqüentemente, delimitação de espaço para sua emergência. Com isso, a cultura popular nasce das convivências, das expressões usadas entre as pessoas, conhecimentos adquiridos conforme o tempo. Assim, as toadas modernas se

enquadram como forma de preservar experiências cotidianas, por isso, esta pode ser levada em consideração pelos professores, de forma a utilizá-las.

Desse modo, para Hermeto (2012), a canção popular seja como tema, ou objeto de estudos e fontes, ela é, genericamente, adequada a práticas escolares e planejamentos didáticos voltados para alunos de qualquer faixa etária.

Outro discurso interessante a ser destacado de forma a contribuir para o uso das toadas nas aulas de História, deixando claro que esta faz parte da cultura popular, refere-se ao sentido de muitas toadas utilizarem referência à mitologia regional, esta que traz a tona explicação para as belezas existentes na região, relatos que ganham vida e contadas entre os moradores, dos adultos para as crianças, dando significado à realidade local. Os compositores gostam de ler sobre as histórias da Amazônia, para depois criar toadas que relatam as lendas, falando da Cobra Grande, Mapinguari, Boto, Yara, o Curupira, também Anhangá, Bicho Folharal, assim como outros, estes refletem a magia que atinge a mitificação na cultura do povo Amazônida.

David Jerônimo compositor enfatizou para Farias (2005), o que mais lhe interessa é a leitura dessas lendas e rituais na História da Amazônia e da própria ritualística da região, quer dizer, a nossa mitologia. Nesse sentido o compositor afirma ganhar mais interesse nas leituras sobre as lendas, ou seja, pela razão das lendas narrarem a parte mágica sobre a Amazônia.

Ainda fazendo o uso do discurso dos mitos, sendo estes destacados nas toadas, com a finalidade de comprovar que esta deve ser utilizada como recurso nas aulas de História, importa-se chamar a atenção sobre o que é mito e a lenda.

Para Farias (2005), Na cultura amazônica temos a mistura do real e do imaginário, principalmente nas narrativas orais repletas de encantarias, mitos e deuses. Nesse sentido, o imaginário também faz parte da história cultural amazônica, logo é de fato muito importante que os mitos estejam como referências nas toadas, de modo que consigam manter viva a origem da sociedade indígena na região, de forma que outras gerações também conheçam.

Para Gillig (1999) *apud* Marinho (2015), o mito é um relato imaginado e seus personagens sempre são considerados como seres divinos, enquanto as lendas como um relato em que seus personagens pareciam obter poderes sobrenaturais, a partir da imaginação de quem transmite a lenda. Logo a diferença entre mito e lenda é discutida por alguns autores, o mito sempre contado como uma divindade e a lenda contada com personagens que possuem poderes.

“[...] enquanto os mitos apresentam em forma pictórica intuições cosmogônicas, as lendas referem-se à vida e ao ambiente imediato de uma dada sociedade” (CAMPBELL *apud* MARINHO, 2015).

Dessa forma, entende-se que os mitos expressam uma linguagem pictórica, onde os personagens são divindades, interpretado como um caminho sonhado, uma simbologia, são verdades metafísicas, sociológicas que referem-se as sociedades. Muitos mitos foram criados pelos povos indígenas com o surgimento dos Portugueses. Enquanto as lendas fazem referência ao que é vivido por uma sociedade, fatos de acordo com o real.

Segundo Borges (1989), o mito é a primeira forma do homem de explicação sobre a origem de sua vida, este termo surge nas sociedades primitivas, transmitido de geração para geração. No entanto, o mito na região pode ser considerado de acordo com os argumentos do autor, como resultado para poder dar significado à origem do povo amazonense, por isso contado de pai para filho.

Diante dessa premissa, tanto os mitos como as lendas conhecidos nos dias atuais, foram os mesmos que fizeram parte das conversas nos fins de tardes, em frente das casas dos caboclos amazonenses, foram aqueles que fizeram as crianças se admirarem antes de dormir, bem como estiveram presente nas rodas das histórias contadas sob a luz da lamparina dos mesmos, e depois foram se tornando conhecidos e contribuindo para o crescimento da cultura regional.

Desse modo, é preciso lembrar como a história vem sendo destacada a partir dos mitos nas canções de forma predominante, compreende-se que o uso da cultura na educação tem significado importante, uma maneira de aproximação do indivíduo como cidadão pelo local em que vive, pois a cultura popular é fortemente cultivada.

Além do Mais, um dos objetivos do festival folclórico de Parintins é a valorização da diversidade etno-cultural dos povos da Amazônia, ou seja, o compositor tem essa preocupação em destacar nas toadas o negro, branco e índio, dessa forma, as pessoas conseguem compreender a razão de pertencer a determinado grupo.

Pantoja (2003) *apud* Farias (2005) enfatiza que, Tony Medeiros, compositor do Boi Garantido, introduziu a temática indígena nas toadas, onde mencionava vários índios em sua toada, chamada “Filhos do Sol”. Ronaldo Barbosa também é citado por Pantoja como o autor das principais toadas indígenas do Caprichoso. Diante disso, torna possível que, as toadas modernas venham ser trabalhadas no ensino de História, pois estas não se restringem apenas a simples versos, ou cantigas sem conteúdos.

Segundo Letícia (2000) *apud* Holanda (2013), ao estudar os enredos caboclos e nativistas nas toadas tanto do Caprichoso como do Garantido de Parintins, enfatiza que as toadas modernas há muito tempo ultrapassaram a simples alusão do boi, ou seja, ocorreu uma transformação e as toadas não se prendem a antiga brincadeira, com versos somente sobre o

boi, mas fazem parte da toada os elementos da região, onde estas são capazes de projetar um imaginário acerca da Amazônia assim como de seus habitantes, ou seja, esta já pode ser dita canção popular brasileira, é viável ser levada para sala de aula.

Nessa perspectiva, Braga (2002) *apud* Holanda (2013), diz que as toadas se constituem em canção popular, pois reúne em seu texto assuntos sobre o espetáculo, no caso o Festival, onde recebe enunciação melódica do intérprete, no sentido de dar conta dos versos.

Contudo, Holanda (2013) em relação da toada com ensino afirma, que a toada moderna não pode ser considerada apenas como um produto cultural massificado, homogêneo, ou sem conteúdo, diz ainda que a toada amazônica pode sim nos auxiliar no estudo do processo de construção de identidade na Amazônia. O autor reflete sobre, como a toada se refere para muitos, vista apenas como uma simples cantiga, sem conteúdo, por fim, vem desconstruindo esse pensamento, ao destacar a toada amazônica moderna, pois esta contém em seu corpo variedade de conhecimento e pode sim servir como material didático.

Todavia, se o estilo de música que mais interessa aos professores de História é a canção popular, não existem razões para as toadas amazônicas não fazerem parte das novas metodologias utilizadas pelos mesmos como auxílio, pois, as músicas produzidas pelos compositores amazonenses sobre a região amazônica, podem contribuir com o ensino de História, tornando as aulas mais didáticas. Porém, é fundamental que os professores utilizem as toadas amazônicas como instrumentos didático-pedagógicos nas aulas de História.

### 2.3 A TOADA E A HISTÓRIA

As toadas a serem analisadas são: Continente Perdido (GARANTIDO, 1998), A Cabanagem (GARANTIDO, 1998), Conori As Amazonas (CAPRICHOSO, 2007), Amazônia nas Cores do Brasil (CAPRICHOSO, 2015) e A Conquista (GARANTIDO, 1998).

A primeira canção a ser analisada chama-se “**Continente perdido**”, trata-se de uma toada do Boi Garantido de 1998, tem como compositores: Tony Medeiros, Inaldo Medeiros, Claudio Batista e João Melo.

*A história começa em um continente perdido/ O povo ameríndio era filho do rio e da terra / O grande rio mar, re-descia a cordilheira/ Civilizações já viviam no meio da selva/ As caravelas cruzaram o grande oceano/ Colombo então neste solo sagrado pisou/ Cabral aportou e achou que era dono da terra/ Em nome de Deus e do rei tomou posse do chão/ Cortez, impiedoso, dizimou Astecas / Pizarro destruiu os filhos do sol/ Francisco Orellana*

*desce o grande rio/ Frei de Carvajal descreve o que viu/ Aventureiros de outras terras/ O meu povo te chamou Paraná-Kari, Paraná-Kari.*

A letra da canção destaca o chamado “descobrimento da América”, por isso, o tema da música refere-se ao continente perdido, sendo que para ter sido encontrado estava perdido, na visão dos seus compositores. A música faz uma introdução, onde podemos perceber a presença de seres humanos habitando o continente, assim como o povo Ameríndio, grupos indígenas que já viviam na Amazônia. “*Civilizações já viviam no meio da selva*”, é preciso ressaltar que vestígios arqueológicos comprovaram a presença de pessoas no continente e suas práticas agrícolas por volta de 4500 a. C. assim como os grupos nômades formaram os primeiros assentamentos do continente, podemos considerar a civilização Maia também civilização dos Astecas e Incas, como referência ao que os autores da canção afirmam. Diante disso, antes dos europeus cruzarem o oceano já existiam povos no território.

Em seguida, a música vem abordando sobre as caravelas que cruzaram o Oceano, trazendo Colombo para América, e acreditando que havia descoberto o lugar, “*Colombo então neste solo sagrado pisou*”, assim como, Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil, local onde viviam inúmeras tribos indígenas e tomou posse do lugar, ficou conhecido como o responsável pelo descobrimento dessas terras brasileiras, “*Cabral aportou e achou que era dono da terra/ Em nome de Deus e do rei tomou posse do chão*”. Além do mais, a canção menciona a civilização pré-colombiana os “*Astecas*”, eram tribos nômades de grandes guerreiros, tinham como divindade o deus da guerra e do sol “*Huitzilpochtli*”. Conforme afirma o trecho da música, “*Cortez, impiedoso, dizimou Astecas, Pizarro destruiu os filhos do sol*”, ou seja, este grupo os Astecas foram destruídos.

Também é relatado nessa toada, a expedição de Francisco de Orellana, pelo Rio Amazonas, acompanhado por Frei Gaspar de Carvajal, este que descrevia o que acontecia durante a viagem, estes fatos podem ser encontrados nas crônicas. Assim a canção alerta que esses expedicionários, com suas caravelas, aventureiros de outras terras, os europeus, mudaram toda a história do lugar, tirando a paz deste “*solo sagrado*”, e aos mesmos restou a reclamar do seu deus o Tupã, Paraná-kari. “*Francisco Orellana desce o grande rio, Frei de Carvajal descreve o que viu, Aventureiros de outras terras, O meu povo te chamou Paraná-Kari, Paraná-Kari*”.

Contudo a análise desta toada foi agradável, pois são muitos pontos que comprovam a relação do ensino de História com a música, com tocante as temáticas do conteúdo dessa

disciplina. Esta pode ser trabalhada com o tema descobrimento da América com as turmas do Ensino Médio.

A segunda toada a ser analisada denomina-se “**A Cabanagem**”, do boi Garantido, 1998, esta canção vem relatando um momento marcante na História da Amazônia, a revolta dos cabanos que ocorreu no Pará, sendo este um movimento popular que começou em 1933 se estendendo até 1936. A massa popular se mobilizou revoltada diante de reformas, bem como por conta de tanta exploração que vinha se formando no local durante o regime colonial. A canção também atenta o ouvinte que a construção do Brasil não se deu em plena harmonia, mas houve momento de guerra e resistência, com mortes e feridos, tanto o índio como o negro era escravizado. Com isso, essa toada pode ser utilizada nas aulas de História referente à Amazônia, e do Brasil, interpretada com relação ao assunto, As revoltas.

*A história nos conta O mundo dos índios e negros/ Vivendo o tempo e o lugar de escravizar/ Amazônia – colônia dos brancos/ Vieram em degredo explorar os segredos/ Da flora e do rio-mar/ Impuseram aos índios sua taba (morada geral)/ Isolado o nativo perdia o sentido e o estilo da vida tribal/ descimentos no alto dos rios – levavam os gentios, prisioneiros em resgates/ Lograram os perdidos – menos oprimidos/ Seguiam a chorar/ Negro veio pela corrente Suor e dor inclementes/ Que o poder bruto do branco é o fogo/ E não pode parar/Erguem a força da cabanagem/ Lutam pela liberdade pra que no futuro/Vivamos em paz.*

É relevante a grandeza de conhecimento que a letra da música nos permite abranger, que durante a colonização na Amazônia não foram somente os índios que foram escravizados, mas também os negros fizeram parte desse sofrimento, da exploração. Além disso, a Amazônia é caracterizada como “colônia dos brancos”, ou seja, o lugar de explorar.

Dessa maneira, podemos explicar aos alunos que foi pelo projeto da colonização que os negros foram trazidos para Amazônia, e a partir dessa junção entre negro, índio e branco que a Amazônia é uma região mestiça, o caboclo, os três que constituem o povo brasileiro são bem lembrados na canção. Os indígenas eram obrigados a trabalhar, já não havia liberdade para exercerem suas práticas tribais, não havia mais sentido como antes, por terem sido isolados, e o que prevalecia era a vida que o europeu gostaria que existisse. Como diz o trecho da música, “*Impuseram aos índios sua taba (morada geral), Isolado o nativo perdia o sentido e o estilo da vida tribal*”.

Ainda em análise da canção, para que o projeto de colonização tivesse sucesso era preciso que houvesse os descimentos, para isso os índios eram divididos entre os aliados considerados amigos da coroa e os “gentios” vistos como inimigos. Segundo os autores da canção era por razão dos descimentos que os índios que não aceitavam fazer o pedido dos

colonos, como forma de resistir fugiam, mas muitos eram presos em resgate, “*descimentos no alto dos rios – levavam os gentios, prisioneiros em resgates*”. Com relação aos gentios afirma Sampaio (2001), por outro lado, aos índios executados pelo resgate seus destinos era a escravidão, reitera que, a mão-de-obra indígena e negra era marcante no Pará. A partir da afirmação da autora, confirma-se o trecho abordado na música, sobre este episódio dos gentios pelas tropas de resgate.

Desse modo, os índios não aceitavam a situação passivamente, sem nada fazer para evitar, estes faziam diversas estratégias de resistência, fugiam, guerreavam, pois gostavam de viver conforme a natureza, no entanto, os grupos indígenas não podem ser vistos como passivos, pois “*Lograram os perdidos – menos oprimidos*”.

“*Seguiam a chorar, negro veio pela corrente suor e dor inclementes que o poder bruto do branco é o fogo e não pode parar*”, nesse trecho, podemos compreender o total sofrimento que enfrentava o negro, trazido da África de forma desumana, para ser escravizado no Brasil, sem piedade, com dor e lágrimas do cansaço do trabalho, sem poder parar, no sentido de que não eram livres, se estes não cumprissem as ordens dos europeus, eram tratados de forma brutal.

Dessa forma, é possível perceber que o autor tem a preocupação em demonstrar o que foi viver na Amazônia nesse período, a tristeza, a luta. “*Erguem a força da cabanagem Lutam pela liberdade pra que num futuro Vivamos em paz*”. Além do mais, a canção termina por estabelecer em seu último trecho a revolução que se forma pela massa popular que ocorreu em Belém do Pará sendo a Cabanagem, a maior rebelião popular da história do Amazônia, com participação dos negros, índios, contra o poder lusitano. Conforme afirma (PRADO JÚNIOR, 2012), “*tiveram por isso os paraenses que sustentar uma árdua luta contra o domínio lusitano [...]*”.

Contudo, compreende-se que esta toada é rica em conteúdos e pode ser utilizada em sala de aula como instrumento didático-pedagógico, auxiliando o professor a desenvolver uma aula cativante, estimulando a leitura dos alunos, analisando e interpretando contribuindo com o conteúdo abordado na sala.

A terceira toada escolhida para dar sustentação ao trabalho chama-se, “**Conori As Amazonas**”, trata-se de uma toada do boi Caprichoso de 2007, do CD “O Eldorado é aqui”.

*Conori, Conori, Conori, cunhã puiara/ Conori, Conori, rainha das icamiabas/ Mulheres valentes guerreiras/ belas seminuas manejo certo/ com arcos e flechas/ se banham no lago espelho da lua/ Índias dos cabelos longos/ que habitam o rio Nhamundá/ magia nos potes sagrados perfumam lací-Aruá/ amantes dos muiraquitãs/ as virgens do sol*

*mostram o seu valor/ na casa de pedra em noite de festa/ forçavam os guerreiros para o amor/ e Orellana se encantou com o reino das bravas guerreiras Amazonas, Amazonas/ e batizou o imenso e valioso rio Das Amazonas/ Icamiaba, icamiaba, icamiaba mergulhou/ Talismã de laci pras cunhãs os sagrados verdes muiraquitãs.*

Esta canção refere-se à chamada lenda das Amazonas, muito conhecida na região Amazônica, é importante o uso dessa canção por caracterizar as mulheres que protegem o grande rio, nos possibilitando imaginar e também conhecer melhor essa lenda que fornece grande significado para a cultura. Durante a expedição de Francisco Orellana, ao descerem o grande rio na foz do Nhamundá, travaram uma grande luta com uma tribo de mulheres, sendo estas guerreiras, que dominavam seus arcos e flechas, tais mulheres eram altas e bonitas de cabelos longos, como destaca o trecho da canção, “*Mulheres valentes guerreiras, belas seminuas manejo certo, com arcos e flechas, se banham no lago espelho da lua, Índias dos cabelos longos, que habitam o rio Nhamundá*”.

Nesse sentido, de acordo com Pessoa (2004), por essas guerreiras terem lutado com Orellana, originou-se o nome Amazonas. Conforme também afirma o trecho da música: “*Orellana se encantou com o reino das bravas guerreiras Amazonas, Amazonas, e batizou o imenso e valioso rio Das Amazonas*”. Com isso, nota-se também na canção os termos Conori, cunhã e rainha das Icamiabas, estes termos referem-se a preocupação na exaltação das mulheres mais bonitas da aldeia, Icamiaba era o nome que os índios chamavam para estas índias guerreiras.

Todavia, a análise dessa música trouxe mais enriquecimento para este trabalho, pois expressa uma lenda que resultou também ao nome do nosso Estado. Sendo assim, destaca-se a importância dessa música no ensino de História.

A quarta toada a ser analisada, chama-se: “**Amazônia nas cores do Brasil**”, do boi Caprichoso, de autoria de Adriano Aguiar, de 2015. Esta toada refere-se às diferentes culturas existentes no Brasil, na qual o autor está fazendo uma representação de um encontro da cultura popular no Festival de Parintins.

*Vou chamar a terra do samba e pandeiro carnaval olha a mulata, E o povo da terra da Garoa a cidade que não para, vaneirão, folia de reis, Fandango e também procissão/ E da terra dos Pampas “Guri Bah” traz o chimarrão/ Tem mineiro minério de minas de serras tão lindas “uai” / É festa de laço, reisado linda, congada que faz a ginga, tem frevo, caantiga tem Bumba meu boi “Arraiar” no sertão, forró, Zabumba, Casório Maria Bonita e Lampião/ Esse país, de amor e paixão é a terra Folclore que faz o mundo balançar/ Vai fazer levantar a poeira roda capoeira guerreiro de Ogum do Pai Oxalá de Norte a Sul cultura popular/ e aqui na Amazônia vai ter Boi Bumbá, ciranda, çairé, carimbo ciriá, é mistura de gente feliz*

*todos vão se encontrar na festa dos Parintintin/ Brasil, brasileiro, Brasil milagreiro, Brasil cancionero e festeiro, Afro-Euro-Ameríndio do tronco Tupi/ Chimbaba, Saci, fogo de boitatá, neguinho do campo, Yara a cantar, é homem, é boto vem todo de branco, cuidado com a cuca te benze ao entrar, boneca de pano, pião, manja esconde, bolinha de gude, caroço a rolar, é dança, é música, é crença é paixão, brincadeira, costume e adivinhação/ Viva Luiz da Câmara Cascudo! Vida a terra do Folclore.*

A preservação da cultura é primordial nas letras da toada, esta canção começa por mencionar a cultura do Rio de Janeiro como, “*terra do samba e pandeiro*” e também o lugar do carnaval, assim como, São Paulo a “*terra da Garoa*”, Rio Grande do Sul a “*terra dos Pampas*”, com linguagem regional “*Guri Bah*”, e hábito de tomar “*Chimarrão*”, é citado também Minas Gerais e suas características marcantes, “*mineiro minério de minas de serras tão lindas*”, bem como, é abordado as festividades do Nordeste entre elas “*Arraiar no sertão, forró e zabumba, Maria bonita e Lampião*”.

A letra da música expressa grande paixão pela cultura, e dizendo que o Brasil é a terra do Folclore. Nota-se a grande participação dos povos africanos, pois os negros tiveram grande importância para o enriquecimento da cultura no Brasil, trouxeram consigo diferentes práticas culturais, uma delas foi a capoeira. Como afirma a canção, “*Vai fazer levantar a poeira roda capoeira guerreiro de Ogum do Pai Oxalá de Norte a Sul cultura popular*”, com isso, este trecho refere-se à cultura africana no Brasil. Diante desse panorama, é possível perceber também a presença da cultura do Norte, o autor se preocupa em descrever o que pode ser encontrado na região amazônica, “*e aqui na Amazônia vai ter Boi Bumbá, ciranda, çairé, carimbo ciria*”, enfatizando a participação das maiores práticas culturais em seu contexto.

A canção enfatiza as três etnias que formaram a cultura brasileira, “*Brasil, brasileiro, Brasil milagreiro, Brasil cancionero e festeiro, Afro-Euro-Ameríndio do tronco Tupi*”, o Negro, Europeu e o Índio, a própria miscigenação.

Em consonância disso, a canção destaca os mitos e as lendas, expressando a riqueza cultural e valorizando as práticas tradicionais como é possível notar, “*Saci, fogo de boitatá, neguinho do campo, Yara a cantar, é homem, é boto vem todo de branco*”, a lenda do boto ainda é conhecida, mas é muito importante que as novas gerações continuem ouvindo. “*Cuidado com a cuca te benze ao entrar*”, também é uma lenda brasileira, além do mito, a toada ressalta as brincadeiras e costumes de infância, também presente na cultura amazonense, como, “*boneca de pano, pião, manja esconde, bolinha de gude, caroço a rolar*”, nesse sentido, a canção afirma que, “*é dança, é música, é crença é paixão, brincadeira, costume e adivinhação*”.

Diante desse contexto, compreende-se a diversidade cultural que existe no Brasil, herdadas dos antepassados, e que hoje mobiliza o homem em seu contexto social, continuam fazendo a alegria do País.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA, 2004, *apud* SANTOS 2011)

Diante dos fatos mencionados, a cultura popular brasileira é muito importante no ensino de História, pensando assim o professor pode trabalhar essa música com a turma, no contexto das diferentes culturas brasileiras, solicitar aos alunos uma análise crítica, estabelecer discussões a respeito das culturas destacadas na canção, onde os mesmos vão conseguir obter mais conhecimentos das variadas culturas, e principalmente os alunos da nova geração que praticam hábitos e participam dos eventos culturais, porém muitas vezes ainda desconhecem.

Por fim, a análise da toada de número cinco, denominada, “**A Conquista**”, do boi Garantido de 1998, esta canção tem como compositores: Tony Medeiros, Edvaldo Machado e Inaldo Medeiros.

*Um dia chegou nessa terra um conquistador/ manchando de sangue o solo que ele pisou/ não respeitou a cultura do lugar/ Nem a história desse povo milenar/ Queria ouro riqueza e tesouro/ Depois a terra e também a escravidão/ Tibiriçá, Arariboia, Ajuricaba disseram não/ Um dia o Índio lutou contra o branco invasor/ E a guerra de bravos guerreiros então começou/ Arcos e flechas contra a força do canhão/ Guerra dos ímpios dizimou minha nação/ trouxeram cruz mais usavam arcabuz/ E o Ameríndio resistiam à invasão/ chamaram a morte e o massacre do meu povo civilização/ Chegou o branco, pra conquistar/ Chegou o negro, pra trabalhar/ Unidos raças e crenças de povos/ Vindos do além mar.*

Esta canção traz a tona acontecimentos marcante sobre a conquista da Amazônia, nos permite compreender um tempo de guerra e resistência, quando europeus chegaram nessa região sem se importar com os grupos indígenas que habitavam o lugar, desrespeitando as práticas culturais, sem se importar com a história do povo milenar.

Desse modo, é possível notarmos, o sentimento de insatisfação das tribos diante aos desejos dos europeus, que queriam encontrar muitas riquezas, depois quiseram colonizar as terras e para isso dar certo, efetuaram a escravidão. Mas, é esclarecido na canção o protagonismo indígena, ao relatar que o índio não assistiu de mãos atadas, pois não queria o invasor em suas terras, “*Tibiriçá, Arariboia, Ajuricaba disseram não, um dia o Índio lutou*

*contra o branco invasor/ E a guerra de bravos guerreiros então começou/ Arcos e flechas contra a força do canhão/ Guerra dos ímpios dizimou minha nação*”, logo nota-se que os líderes indígenas resistiram, os índios lutaram contra os brancos, muitos até a morte, porém as armas não eram possíveis de competir e muitas populações foram destruídas com a chegada dos europeus, morte, sangue para que fosse possível a civilização, “*chamaram a morte e o massacre do meu povo civilização*”.

Ao abordar a civilização pelos europeus, é preciso destacar como ponto positivo a participação do índio, também como ponto negativo, aquilo que foi interesse de muitos afetou o sofrimento para outros. Pois, a canção destaca que os negros também foram trazidos como escravos. “*Chegou o branco, pra conquistar chegou o negro, pra trabalhar, unidos raças e crenças de povos vindos do além mar*”. Conforme afirma Holanda (2013), ao analisar esta mesma canção, que as três matrizes formadoras do povo brasileiro, negra, branca e índia, são inseridas ao longo da constituição poética e também melódica da toada.

Diante dos dados expostos, compreende-se que esta canção deve ser levada para sala de aula, e proporcionar um melhor aprendizado, pois esta pode servir como um importante material didático que poderá auxiliar aos professores de História, no que se refere ao tocante dos temas abordados, com relação à Conquista na Amazônia, ou sobre a construção brasileira. Os professores podem solicitar aos alunos para fazerem uma análise crítica, efetuar a leitura e interpretação da toada, utilizando-as como texto. Deseja-se que estes métodos possam contribuir com o ensino de História e tornem as aulas mais significantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos elementos mencionados, o ensino de História passou por muitas transformações, na luta para atingir seu objetivo hoje abraça novas propostas que permeiam a disciplina de História até os dias atuais, surgem novos métodos para serem utilizados nas salas de aulas, dentre estes a música.

A música como método (ou caminho possível) no ensino de História pode trazer grandes contribuições, tornando as aulas de História mais atrativas, facilitando ao professor, bem como melhorando o aprendizado dos discentes, uma vez que esta é um dos novos métodos próximo ao cotidiano do aluno.

A análise das toadas foi gratificante porque nos possibilitou discutir que em seus versos florescem ricos conteúdos no tocante ao ensino de História, eles contêm parte da história da região, fatos históricos que podem favorecer as aulas da disciplina de História, bem como ser útil ao professor.

Nessa perspectiva, pretende-se que as toadas conquistem lugar nas salas de aula, enquanto instrumento didático no ensino de História, juntamente com os conteúdos da disciplina, atendendo também as buscas dos professores por novos recursos, servindo como auxílio facilitador no ensino e aprendizagem. Além disso, é fundamental que as toadas amazônicas sejam reconhecidas como canção popular, que pode servir para ajudar na construção do conhecimento.

Reconhecendo a importância da toada, música produzida na região Amazônica, podemos considerá-la como fonte de conhecimento, por isso precisa ser notada pelo professor, sendo que esta é repleta de fatos históricos, que promovem as riquezas naturais da região, tratando da paisagem, origem do caboclo, tribos indígenas, assim como vem exaltando a mitologia regional, além disso, as toadas representam os fatos marcantes vivenciados na Amazônia, bem como refletem os pensamentos dos povos que viveram o período colonial.

Nesse sentido, fazendo o uso da canção enquanto material didático será possível valorizar a cultura da região Amazônica, também permitir ao aluno saber sobre seu passado, assim como enriquecer o ensino de História com mais recursos.

Essa diversidade cultural que existe nas toadas, deve ser levada para sala de aula com finalidade de ser refletida com relação ao ensino de História, buscando despertar maior interesse dos estudantes na hora da leitura.

As toadas se tornam importantes, na medida em que são elaboradas pelo povo, onde expressam a origem da sociedade, falando da cultura Amazônica, assim, a partir da análise é possível o aluno tomar posição a respeito dos fatos, como sujeito crítico e histórico.

Por isso, é preciso que novas propostas sejam elaboradas, na tentativa de chamar a atenção do aluno de forma que este consiga realmente aprender, não querendo aqui criticar o modo tradicional de ensinar, mas é preciso que as aulas de História sejam repensadas por todos os professores, procurando mudar a concepção de aula chata, e que não aconteça apenas repasse de informação.

Por fim, ao fazer a relação da música com o ensino, é possível a aula de História se tornar mais atrativa. Diante desse pressuposto, considera-se que o uso das toadas amazônicas podem se constituir em um recurso didático viável tanto para quem ensina como para quem aprende História. É desejo de todos que o ensino de História não passe de meras informações, e que os novos métodos consigam ajudar na educação, que esta proposta sirva para auxiliar aos profissionais do ensino conscientes de sua responsabilidade social, preocupados com seus alunos, bem como sirva de base para futuras pesquisas referente ao tema, em especial para os pesquisadores da canção popular brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História?** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAVALCANTE, Maria Laura Viveiros de Castro. **Boi-Bumbá de Parintins: breve história e etnografia da festa**. História, Ciências e Saúde – Manguinhos. Vol. VI 1019-1046, setembro, 2000.

CARDOSO, Maria Celeste de Souza. **Cancioneiro das toadas do boi-bumbá de Parintins**. Manaus: UEA, 2013.

FARIAS, Julio César. **De Parintins para o mundo ouvir: na cadência das toadas dos boi-bumbás Caprichoso e Garantido**. Rio de Janeiro, Litteris Ed, 2005.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 3ª ed. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra 1996.

HERMETO, Miriam. **Canção Popular e Ensino de História: palavras sons, e tantos sentidos**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

HOLANDA, Y.L., As toadas Amazônicas e o Ensino de História: uma canção popular “Boa para pensar”, p.143-153, 2013 In: COELHO, L.R, PONTES, C.M, MENDONÇA BEZERRA, R.C.E, (Organizadoras) **Múltiplos olhares em Educação**. 1ª Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Trad. Irene Ferreira *et al.* Campinas Unicamp. 2003.

MARINHO, José Lino do Nascimento. **Contar história, hábito e tradição: uma ferramenta pedagógica eficaz no processo de ensino e aprendizagem**. Manaus, EDUA Ed, 2015.

PESSOA, Protássio Lopes. **História da missão de santa Teresa d’ Ávila dos Tupebas-Tefé**. Manaus: Editora Novo tempo, 2004.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org) **História na sala de aula: conceitos práticas e propostas**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PRADO JUNIOR, Caio. **Evolução Política do Brasil: e outros estudos**. 1ª Edição-São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SAMPAIO, P.M., FREIRE, J.R.B. Da fala boa ao português na Amazônia Brasileira; Desigualdades étnicas e legislação colonial Pará. **Amazônia em cadernos**. In: n.5, jan/dez.,2000. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

SANTOS, Joeline Maria da Silva. **As toadas do bumba-meu-boi: sobre enunciados de um gênero discursivo**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara-SP: Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, 2011.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música seus usos e recursos**. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 2007.

VALENTE, Heloísa de Araújo Duarte. Música é informação: música e mídia a partir dos conceitos de R. Murray Schafer e Paul Zumthor. (89-106). In: **Discursos Símbólicos da Mídia**. Rafael Souza Silva (org). Edições Loyola: São Paulo, Brasil, 2005.